

C. M. B. BIBLIOTECA

# BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - Ric

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

## NECESSIDADE DE POESIA

João de Barros escreveu um dia:

«A necessidade, a indispensabilidade da Poesia é cada vez maior na vida contemporânea».

Nunca como hoje achamos tão evidente a ânsia de poesia... porque poesia é síntese e o mundo assoberbado com as «especializações científicas das técnicas materiais» precisa de uma rajada forte de poesia como retempero das angustiantes exigências do presente.

«Carecemos do incentivo persistente de Poesia»

E só ela pode ajudar a suportar a maldade e a inveja dos homens que em vez de nos auxiliarem a encontrar a solução para os nossos problemas mais prometem criar desarmonias.

«Abre os olhos — o sol é teu».

E bebe a poesia onde a sentires... só assim saberás suportar uma vida que não sonhaste existir...

### Os pensamentos do mês

«Estamos, pois, na encruzilhada. Tomaremos o caminho da paz ou continuaremos na velha estrada da força bruta, tão indigna da nossa civilização. Isto depende inteiramente de nós».

Einstein

|||||

«Se um poema resiste a prova do mais apurado gosto e se a essa qualidade alia a clareza e a acessibilidade que o tornam capaz de viver na boca do povo, esse poema leva a marca da perfeição. O que agrada a uma elite talvez seja, de facto bom, mas o que agrada a esta e aos outros homens também, é optimo».

Shiller

## Dia de Camões, Dia de Portugal, Dia da Raça

PASSOU mais um aniversário sobre a morte do nosso grande e inconfundível vate, Luís de Camões.

Passou mais um ano... e a sua obra, plena dum cunho imortal e de uma grandeza patriótica jamais igualada, não poderá sucumbir.

Sabe-se que em 10 de Junho de 1580 o Poeta, o génio, o soldado e o homem se esvaíram, para sempre, no turbilhão indómito do além.

Porém, quanto à data exacta do nascimento do Poeta nada de positivo se sabe. A incúria e o desleixo, as invejas mesquinhas dos detractores e a maldade dos homens, não mostraram interesse em desvendar o dia certo em que nascera, em Portugal, o homem que havia de immortalizar-se, sublimando em estrofes magníficas:

«As armas, e os Barões assinalados»

.....

E também as memórias gloriosas

Daqueles Reis, que foram dilatando

A Fé, o Império; e as terras viciosas

De África, e de Ásia andaram devastando:

E aqueles que por obras valorosas

Se vão da lei da morte libertando:

.....

.....

Os anos rolaram, alguns arquivos desapareceram; mas a obra dele, apesar dos climas mais diversos, da maldade e inveja duns tantos, continua a irradiar calor e beleza, mas um calor que se repercutiu de ontem até hoje para se continuar de hoje até sempre.

Tudo que existiu em Camões de particular, de específico, de amoroso e patriótico, se vê, se ausculta ao longo de toda uma obra de pura introspecção. Todos os poemas de Camões são de uma fidelidade psicológica deixando adivinhar todo o seu mundo de lutas e incompreensões.

Foi altivo e sentimental, incompreendido, estimado e repellido... todo um conjunto de indistigáveis cenários completaram a sua própria personagem.

Jamais o seu espírito se corrompeu, e ele morreu quando a Pátria morria também.

Os Lusíadas, poema que traça a história Pátria desde Viriato a D. Sebastião e narra a descoberta do caminho marítimo para a Índia, é, sem favor, o repositório e

«A fama das victorias que tiveram»

os portugueses

«A quem Neptuno, e Marte obedeceram»

Todos conhecem, mais ou menos de cor, algumas líricas de Camões, certas estâncias dos Lusíadas; mas poucos sabem, em extensão e profundidade, o valor essencial da epopeia. Já, por vezes, nos temos referido, nestas mesmas colunas, à obra do Épico e à sua pro-

(Continua na página 2)

## O SARAU

### Literário - Artístico

das alunas do «Alcaides de Faria» constituiu, sem favor, uma página brilhante na história do Colégio

O Snr. P.º Alberto da Rocha Martins traçou, em síntese arrebatadora, a razão de ser daquela festa e, ao mesmo tempo, pôs em destaque, com a sua costumada beleza formal, a figura gigantesca dum dos maiores poetas da nossa história literária.

Seguidamente deu-se início ao atraente espectáculo, cujo

### Publicações recebidas

A Voz do Externato «D. António Barroso»

Recebemos este jornal, órgão dos alunos do Externato «D. António Barroso», dirigido pelo aluno do 5.º ano, Rogério Domingos da Costa.

Não ficamos alheios ao seu crescente progresso e gostosamente diremos:

«Nunca são de mais as manifestações do espírito, quando acima de quaisquer condicionamentos existe a alma dos autores em seus artigos».

Por essa razão e porque ainda o jornal está feito com elevação, sinceramente felicitamos os seus dirigentes e aqueles que, gostosamente, nele souberam marcar a sua presença.

«O Despertar de Coimbra»

Continua a visitar-nos com segura regularidade este precioso jornal onde, em tempos idos, demos um pouco da nossa humilde colaboração.

Para todos que nele trabalham enviamos o nosso cartão de cumprimentos.

# Dia de Camões, Dia de Portugal, Dia da Raça

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA UM)

jecção nas gerações; mas o que nunca dissemos foi que não é suficiente conhecer de cor uma ou outra estância, este ou aquele soneto, é necessário ler e meditar toda a obra de Camões. Porque ela engloba a mensagem dum poeta que viveu na época em que o sentimento patriótico era a reivindicação pura de tudo quanto de grande houveramos feito desde Viriato até

«...Guimaraens o campo se tingia  
Co' o sangue próprio da intestina guerra,  
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,  
A seu filho negava o amor, e a terra,  
Com ele posta em campo já se via»

para nos prolongarmos nas rotas mais diversas dos diferentes oceanos até

«...Timor, que o lenbo manda  
Sandalo salutífero e cheiroso»

e depois erguendo os olhos a Deus suplicava:

«Fazei, Senhor, que nunca os admirados  
Alemães, Galos, Italos, e Ingleses,  
Possam dizer, que são para mandados  
Mais que para mandar, os Portugueses».

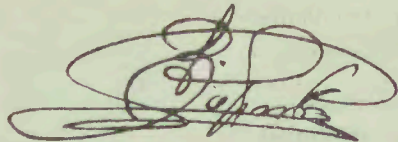
É pois necessário ler e meditar Camões para conhecer realmente a sua obra. E como será possível a divulgação da obra de Camões?

«O próprio Estado poderia fornecer aos institutos de ensino exemplares d'«Os Lusíadas», com notas explicativas e acessíveis, destinadas aos alunos».

Perguntamos: Quem conhece realmente os «Lusíadas»? Poucos, muito poucos. E contudo gastam-se rios de tinta a fazer discursos, livros horríveis, etc., e não se dedicam algumas horas a palestras culturais de divulgação literária... E tudo isto porquê?

Porque é preciso distinguir «entre o homem ansioso por ler um livro, e o homem cansado que quer um livro para ler».

Barcelos, Junho de 1957



programa aqui deixamos escrito:

## I PARTE

«A Morte e o Rachador» (Fábula de Virgínia Gersão). Personagens: A Morte — Maria de Fátima Soares e O Rachador — Maria de Fátima Basto.

«Proposição» de Os Lusíadas, por Lucinda Elisabete de Almeida.

«O Corvo e a Raposa» (Fábula de V. G.). Personagens: A Raposa — Maria Júlia Silva.

«Soneto» de Camões, por Maria José Basto Rodrigues.

«A Cigarra e a Formiga» (Fábula V. G.). Personagens: A Cigarra — Maria Teresa Machado e a Formiga, Maria Emília Vilas Boas.

«Descalça vai para a Fonte...» (Camões), por Maria Carolina da Silva.

«A Abóbora e a Bolota» (Fábula V. G.). Personagens: O Camponês — Manuela Hermínia Faria e o Prior, Maria Madalena Carvalho.

«Perdigão Perdeu a Pena» (Camões), por Maria de Fátima Queirós Basto.

«O Moleiro, o Filho e o Burro» (Fábula V. G.). Personagens: O Moleiro, Maria José Rodrigues; O Rapaz, Maria Celeste Matos de Almeida; O Camponês, Maria dos Prazeres Alçada; A Mulher, Nídia Bandeira da Silva; O Lavrador, Maria de Lourdes Gonçalves; A Lavadeira, Anabela de Lourdes Silva; O Rapazito, Maria Arminda Carvalho; Figurantes, Célia Costa Quinta, Maria Isolete Fontainhas, Maria Helena Fernandes, Maria Emília Sousa, Maria de Fátima Pontes e Maria Abília Vilas Boas.

## II PARTE

«O Sonho de Jorge», peça em 1 acto de Virgínia Gersão — Música de Costa Fernandes. Personagens: A tia, Maria Emília Mano; Jorge, Ema Eduarda Azevedo; Luísa, Maria Teresa Machado; Mariázinha, Maria Emília Vilas Boas; Manuel, Maria Madalena Carvalho; O Tempo, Maria de Fátima Soares; Paio Vaz, Maria de Lourdes Gonçalves; Mofina Mendes, Lucinda Elisabete de Almeida; Catherina, Anabela de Lourdes Silva;

# Aniversários

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

Fazem anos no próximo mês de JULHO os nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — Maria Aurora da S. Moraes, Maria Alice Sendim Rodrigues e Rosa de Jesus G. Monteiro.

DIA 2 — Maria José Santos Araújo e Maria Belmira F. da Silva.

DIA 3 — Olívia de Jesus Pereira da Costa, Maria de La Salle C. Ribeiro e Joaquim de Sousa Coelho.

DIA 4 — Maria da Graça da C. Miranda, Maria Olímpia F. Lopes, Maria Manuela P. V. Dias e Maria Alice P. Costa.

DIA 5 — Teresa Gomes de Mesquita.

DIA 6 — Maria Olívia da Silva e Filomena de Jesus C. Calheiros.

DIA 7 — Maria da Glória Machado, Rosa da Silva Miranda, Olívia de Jesus R. Gonçalves e Maria Celeste G. Sousa.

DIA 9 — Maria Helena Lopes Martins, Celestino Alves da Silva e Maria do Carmo F. Vilas Boas.

DIA 10 — Maria Barbosa Dias, José da Costa e Maria Teresa C. Amaral.

DIA 11 — Manuel Martins Vaz.

DIA 12 — Maria Isabel Gomes de Sá, Ilda Gomes Durães e Belarmina de Sousa Figueiredo.

DIA 16 — Maria Fernanda Soares da Silva.

DIA 17 — Maria Alice da Silva e Francisco Pereira de Faria.  
DIA 18 — Deolinda Duarte F. Araújo.

DIA 19 — Maria da Glória das Dolores Pereira.

DIA 21 — Francisca Carolina S. Soares, Carolina Felicidade C. Santos, Maria Sameiro Gomes de Lima e Maria Carmina Lima Vieira.

DIA 22 — Lucinda de Jesus da Costa e Maria do Carmo B. Rodrigues.

DIA 23 — Gracinda da Conceição D. Monteiro, José Ribadas, António Ricardo da Silva e Herculano Monteiro da Silva.

DIA 24 — Maria da Conceição da S. Dias Leite e Manuel Pereira Vale Júnior.

DIA 25 — Rodrigo Nunes dos Santos e Maria Dolores P. Vilas Boas.

DIA 27 — Maria Augusta G. da Silva, Maria Angelina F. Velloso, Maria Alice Barros Correia, Teresa da Conceição C. Lopes, Clementina Ferreira Pedras, Rosa dos Prazeres Gonçalves, Ana Clementina B. Pereira e Miguel da Silva Pereira.

DIA 28 — Maria dos Santos Rego, Maria do Céu T. Miranda, Maria Alice G. Mota e Maria Peregrina G. Durães.

DIA 29 — André Faria Arantes e Maria Angelina S. Ferreira.

DIA 30 — Manuel Fernando A. Pereira.

DIA 31 — Maria José de Miranda.

## Boletim Social da TEBE

O «Recorte» mandou-nos a local seguinte publicada no «Diário do Norte», de 8 Março de 1957:

«Boa colaboração e alguns artigos de muito interesse literário, eis no que se resume este jornal dos trabalhadores de uma organização industrial, que cuida a sério dos problemas sociais e culturais».

Agradecemos, penhorados, à Direcção do «Diário do Norte» as palavras amáveis dirigidas ao nosso «Boletim».

Maria, Maria de Fátima Basto; Crisfal, Maria José Basto Rodrigues; Bernardim Ribeiro, Maria de Lourdes Gonçalves; Joana, Maria José Gomes; Bobo, Maria Celeste Matos de Almeida; Natércia, Maria de Fátima Basto; Infanta D. Maria, Maria José Basto; Francisca de Aragão, Lucinda Elisabete de Almeida; Isabel Tavares, Maria dos Prazeres Alçada; Cavaleiro Andante, Maria Celeste Matos de Almeida e A Castelã, Maria José Soucasaux.

## III PARTE

1, Danças regionais de Barcelos. Vareirinha, Malhão das Palmas, Bate certo e Regadinho balancé; 2, Ballet, por Maria Leonor Sampaio; 3, Danças regionais diversas, Saias — dança alentejana; A Pomba caiu ao mar — dança duriense; Malhão,

dança de Gouveia, Beira Alta; Anda p'ra sala — dança algarvia; Vira da Praia — Nazaré, Estremadura e Verde Gaio de Miranda — Miranda do Douro, Trás-os-Montes, por um grupo de alunas.

Cenários de Gonçalves Torres e efeitos de luz de Sargento Fernandes.

Todos os números agradeceram, sendo de destacar «A cigarra e a formiga».

A todas as Ex.<sup>mas</sup> Snr.<sup>as</sup> que deram o seu esforço e a sua inteligência para esta festa tão portuguesa, os nossos melhores parabéns.

Igualmente apresentamos sinceros e justos aplausos a essa pléiade de gentis barcelenses que souberam sentir e fazer viver uma página bela na vida artística da cidade do Cávado.



Dirigida por Waldemar Esteves

## Ecoss Desportivos

Por JONE &amp; TONE

### O F. C. do Porto visitou Barcelos

**N**ÃO se poupando a esforços para dar maior incremento ao oquei patinado em Barcelos, o C. D. da TEBE fez vir até nós a equipa do F. C. do Porto.

Recebida pela Direcção do Clube, a caravana portista dirigiu-se ao Parque da Cidade, a fim de tomar parte num festival ao qual também deram o seu concurso as equipas do Vitória de Barcelinhos e do Taipas.

O primeiro encontro, Taipas-Vitória, terminou com um empate a duas bolas, resultado que se ajusta com o desenrolar do encontro.

Foi com as equipas concorrentes alinhadas a meio rink, que deu entrada o F. C. Porto, vivamente ovacionada pela assistência, que assim lhe demonstrou o quanto a sua presença era querida. Depois de o capitão do C. D. da TEBE ter oferecido um galhardete à equipa do Porto, iniciou-se o jogo entre estas duas equipas. Uma primeira parte jogada a medo, quer por uma e outra equipa, estudando-se mutuamente, e um segundo tempo movimentado, ao qual não faltaram recortes de boa técnica. O empate (2-2) com que terminou o desafio, foi o resultado justo.

Seguiu-se a ceia de confraternização.

Foi num ambiente festivo e no meio da mais sã camaradagem desportiva, que decorreu a «ceia regional» oferecida aos atletas e dirigentes dos Clubes. Seguiram-se os brindes. Em nome do C. D. da TEBE, falou o Sr. Jaime Ferreira, que em breves palavras, agradeceu aos Clubes, em especial ao portuense, a colaboração no festival; focou a grandiosidade do F. C. do Porto através das diversas modalidades desportivas, desejando-lhe os maiores êxitos, terminando com os agradecimentos ao F. C. do Porto por todas as gentilezas que tem tido para com o C. D. da TEBE. O Sr. Melo e Cruz, chefe de Secção dos azuis e brancos, agradeceu as amabilidades de que foi alvo a sua equipa nesta deslocação a Barcelos. Seguiram-se os capitães do Porto e da TEBE: Campos, em nome dos companheiros de equipa, agradeceu a forma simpática como foram recebidos, e Ranito, ao F. C. do Porto a sua colaboração. Em nome do Taipas, falou o Sr. Custódio de Oliveira, que entre outras há assinalar estas palavras: «...O Taipas considera uma honra o ter sido convidado para este festival». A terminar teve a palavra o Sr. Dr. Aragão. O orientador da equipa portista, começou por agradecer as gentilezas de que foram alvos; referiu-se, em termos elogiosos, à nossa equipa desejando-lhe as maiores venturas; e a terminar: «O F. C. do Porto estará sempre à disposição da TEBE». Com estas palavras, por entre vivas ao F. C. do Porto e TEBE, terminou esta festa, singela sim, mas inolvidável a quem a ela assistiu.

### Atitude a louvar

Como noticiamos no número anterior, o Clube D. da TEBE, disputou em Guimarães a taça «Berço de Portugal» ganha pelo Famalicense.

A maneira simpática e correcta como o público local recebeu a nossa equipa, levou a Direcção do C. D. da TEBE a enviar uma saudação ao público e directores do Clube vimaranense. Sensibilizados, os dirigentes do Clube de Guimarães, enviaram à Direcção do nosso Clube, o ofício abaixo transcrito:

«Com os nossos melhores cumprimentos vimos, pelo presente, comunicar-lhes, que por sugestão dos Directores da Secção de Oquei deste Clube, na última reunião desta Direcção, foi deliberado exarar na acta da sessão um Voto de Mui-

## Desceremos

**R**EALIZOU-SE no Pavilhão dos Desportos em Lisboa, mais um Sul-Norte de oquei em patins.

*Não é em relato ao jogo que nos referiremos, mas sim, aos acontecimentos graves que lá tiveram palco.*

*Admitimos rivalidades, mas quando não se lhe afasta a ideia de fazer progredir. O nosso oquei caminha mal, já todos nós, que sentimos tudo aquilo que os atletas representam, demos conta, porém, esperávamos que com trabalho, procuraríamos repor no lugar de onde saíra, o nome honroso do nosso País. Enganamo-nos. Como prova, temos os insultos dos jogadores lisboetas aos nortenhos, alguns até sentidos por lhe terem tirado o lugar na selecção, outros, como companheiros de equipa daqueles, ou melhor, daquele.*

*É certo que quando um homem pelo seu trabalho, dedicação e verdadeiro amor consegue dar nas vistas, aparece logo quem o apode de vaidoso, pretencioso, e, senhores! Até de faminto...*

*É feio e anti-desportivo que se não reconheça o valor dos outros, e, se já não puderem (pela idade) conseguir superá-lo, ao menos dêem-lhe estímulo e conselhos, pois a prática é a grande mestra.*

*Tudo isto; uma agressão do árbitro a um «grande» do oquei nortenho e a resposta deste, em rink, fizeram-nos acreditar que não subiremos. Desceremos?...*

Val do Rio

to Reconhecimento à colectividade que V. Ex.<sup>as</sup> mui dignamente dirigem pela colaboração prestada no torneio «Taça Berço de Portugal».

Não podemos também deixar de manifestar a V. Ex.<sup>as</sup> todo o nosso apreço pelas palavras que nos dirigiram a propósito desta nossa organização, as quais deliberamos divulgar através da Imprensa local, pois constituem o testemunho da boa compreensão que V. Ex.<sup>as</sup> têm da ideia desportiva.

Expressando a nossa mais elevada consideração e uma vez mais renovando os nossos agradecimentos, subscrevemo-nos com cordeais saudações desportivas

M. C.

O C. D. da TEBE, por intermédio do seu «Boletim Social» deseja ao popular Clube, as maiores venturas.

### Quem conseguiu empatar?

Referindo-se ao jogo, F. C. do Porto-C. D. da TEBE, «Jornal de Barcelos» dizia:

«...e o Clube D. da Tebe no jogo disputado com o F. C. do Porto, também conseguiu empatar por (2-2).

Erro de visão do articulista, ou falta de memória? Ora a TEBE teve sempre o marcador a seu favor, e o F. C. do Porto apenas empatou nos derradeiros minutos. Embora isto não seja um argumento eficaz, é pelo menos elucidativo.

Não duvidamos que o Porto completo (os

## CANTINHO DO OQUEI EM PATINS

Por FERNANDO RANITO

**N**O mês passado deixamos ficar o oquei em patins em Herne-Bay, no seu berço, tomando alento para uma expansão que mais tarde se haveria de dar. Pois bem, hoje vamos dar com ele a ensaiar os primeiros passos em Portugal, pela mão do seu introdutor no nosso País o dinâmico Sr. Rogério Futscher. Isto em 1915.

É verdade; há 42 anos que a modalidade que mais alto deveria erguer o nome de Portugal, se estabeleceu em Lisboa. E sem, de modo algum querermos ser patriotas, podemos afirmar que esta data se pode considerar um marco na história do oquei em patins mundial.

Bem, para já só nos interessa a maneira como ele cá chegou, mas brevemente defenderemos esta tese.

Pois, como estávamos dizendo, em 1915 — repetimos a data para que os mais distraídos ainda a possam fixar... um grupo chamado DESPORTOS DE BENFICA, apadrinhou a entrada em cena deste desporto, fazendo efectuar um jogo, o primeiro portanto em Portugal, entre duas equipas, envergando a sua camisola. Como não podia deixar de ser, agradou a experiência e não tardou que se fundassem outros clubes para a prática da modalidade. Assim no ano seguinte, em 1916, realizou-se o primeiro encontro entre clubes, sendo protagonistas desta peleja, o DESPORTOS DE BENFICA e o RECREIOS DESPORTIVOS DA AMADORA.

Depois deu-se a fusão do DESPORTOS DE BENFICA e o SPORT LISBOA, para se iniciarem os primeiros campeonatos; isto em 1917, 18, 19 e 20. De 1921 em diante estes campeonatos começaram a ter carácter oficial, graças à fundação da LIGA PORTUGUESA DE OQUEI EM PATINS que no ano seguinte deu lugar à Federação Portuguesa de Oquei.

Diremos, a título de curiosidade, que até 1935, inclusivé, estes torneios tiveram como vencedor o Sport Lisboa e Benfica, para depois a coisa se tornar mais disputada, graças ao aparecimento de outros conjuntos poderosos como o Clube Futebol Benfica e até, ainda que meteóricamente, o Sporting Clube de Portugal.

Mas o oquei tinha de ser português e não só alfacinha. Assim iniciou-se a sua expansão, com a criação de clubes na Figueira da Foz e Aveiro. No entanto deve

azuis e brancos jogaram sem Acúrsio) seja superior à TEBE, mas pelo que se passou no rink, que afinal é o que conta, se a TEBE não dominou também não foi dominada, antes, foi o Porto quem conseguiu empatar, faltavam quatro minutos para o final.

## Jantar de confraternização

Aproveitando-se o aniversário do «Boletim Social da TEBE», um grupo de amigos sugeriu a ideia de solenizar o acto com um jantar de confraternização em que se reunissem os colaboradores e simpatizantes do «Boletim».

Dentro desta sugestão trocaram-se várias impressões com a Gerência que não só achou simpática a ideia mas prometeu também a sua colaboração e presença para tão significativo jantar, que terá lugar no Parque da Cidade no próximo dia 26 de Julho.

Se o tempo não permitir o jantar ao ar livre far-se-á no salão nobre dos Bombeiros Voluntários de Barcelos.

As marcações de lugares podem ser feitas aos encarregados das secções.

Todas as pessoas estranhas à fábrica que quiserem assistir ao jantar podem fazer as marcações na Tipografia «Vitória».

A imprensa e colaboradores do «Boletim» receberão convites oportunamente.

A Comissão Organizadora

frisar-se que nestas duas cidades, passados os primeiros entusiasmos, o interesse decaiu bastante.

Ora, como não podia deixar de ser, foi a cidade do Porto que recebeu com o maior carinho e entusiasmo os exemplos vindos da Capital. Assim em 1922 duas equipas de Lisboa, o Lisboa Ginásio Clube e o Oquei Clube de Portugal vieram até à Cidade Invicta fazer uma demonstração deste desporto novo que lá não se conhecia.

Não se pode dizer que os ensinamentos desta demonstração tenham sido perdidos, pois em 1936 o Estrela Vigorosa Sport inaugurou um rink de patinagem, convidando para isso o Sporting Clube de Portugal a deslocar-se ao Porto para defrontar a sua equipa representativa, a primeira equipa portuense de oquei em patins. Como era de prever os lisboetas venceram e folgadoamente por 14-2.

O exemplo do Vigorosa foi seguido, e cinco meses depois, em Dezembro, já se realizava no Porto a primeira competição, com a participação do grupo introdutor e do GRUPO DESPORTIVO V-8. É interessante notar-se que estes dois grupos mantiveram intensa rivalidade desportiva durante largo período. Mais tarde o GRUPO DESPORTIVO V-8 dissolveu-se, para os seus componentes transitarem para outros clubes.

Achamos justo destacar dentre os componentes deste grupo um nome, que mais tarde veio a ser conhecido, não só em Portugal, mas também em todo o mundo oquista. Trata-se de Armando Veloso, um dos melhores jogadores do Norte, considerado depois na Suíça como um dos melhores árbitros de todo o mundo. Actualmente Armando Veloso prossegue o seu trabalho em prol do oquei em patins como treinador, devendo-se-lhe, entre outros títulos, o primeiro Campeonato Nacional para uma equipa do Norte: O Campeonato Nacional de Júniores de 1955, conquistado

### Bombeiros V. de Barcelinhos

Referir-nos-emos a todas as solenidades do 36.º aniversário dos Bombeiros V. de Barcelinhos no próximo número do «Boletim».



pelo Famalicense Atlético Clube, equipa orientada por ele.

Por hoje ficaremos por aqui.

No próximo mês falaremos da nossa campanha internacional e das suas consequências no nosso País e fora dele.



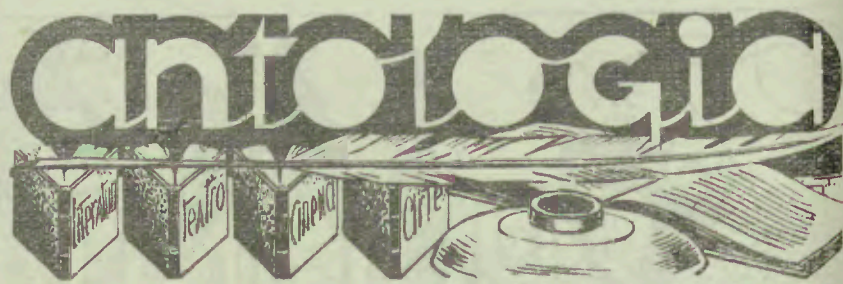
## Noticiário

Trouxe até nós, o Desportivo de Barcelinhos, mais um título Regional. Desta vez foi a secção de atletismo, representada pelo atleta Guilherme Costa, que com categoria, arrancou o Campeonato Regional dos 3.000 metros.

Esperamos que este atleta, com a sua dedicação e persistência consiga levar, para o atletismo, mais gente pois que só ele não é nada, embora tenha valor.

\*

Começou no passado dia 19 a disputar-se, o Campeonato Regional do Minho de Oquei em Patins, com a inscrição das equipas do Académico de Braga, C. D. da TEBE, Famalicense, Oquei C. de Barcelos, Sport C. Vianense, Turismo O. C. das Taipas, Vitória de Guimarães e Vitória de Barcelinhos.



## Para uma retrospectiva do cinema português

CONTA Carlos Ortiz, no seu livro «Romance do Gato Preto — História Breve do Cinema», que, sob os auspícios do Museu de Arte Moderna e do Centro de Estudos Cinematográficos de São Paulo, com a colaboração do Círculo de Estudos Cinematográficos do Rio de Janeiro, se realizou na capital bandeirante, de 28 de Novembro a 16 de Dezembro de 1952, a «I Mostra Retrospectiva do Cinema Brasileiro».

«O programa — diz aquele autor — incluía uma selecção de filmes de curta e longa metragem, sonoros e mudos, destinados a testemunhar o que tem sido a luta do cinema nacional, a reviver um pouco da sua história, a glorificar seus pioneiros, a apontar o caminho aos cineastas brasileiros de hoje e de amanhã».

O certame parece ter cumprido os seus objectivos e através dele foram mostrados inúmeros pioneiros «cujos nomes e cuja obra eram até então desconhecidos do público e esquecidos até mesmo nos círculos mais bem informados da crítica especializada da Rádio e da Imprensa».

E Carlos Ortiz faz, em seguida, ligeiros comentários tendentes a demonstrar a importância de tal acontecimento para o futuro do cinema brasileiro.

Também nós, em Portugal, temos urgência em organizar sessões retrospectivas do cinema português, pois que o conhecimento concreto do passado é a base fundamental para os caminhos futuros da nossa cinematografia. Já aqui tivemos oportunidade de abordar este importante problema ao pormos em relevo a importância da criação da Cinemateca Nacional, cuja utilidade — quando iniciar o seu funcionamento — será inestimável neste domínio.

E é interessante tomar conhecimento da seguinte carta, enviada pelo Cine-Clube do Porto àquele organismo cultural:

Como informávamos V. Ex.<sup>as</sup> em ofício datado de 1949, é antigo projecto deste Cine-Clube uma retrospectiva do cinema português. Porém, sem a colaboração de V. Ex.<sup>as</sup> apenas até hoje nos foi possível exhibir, da fase «muda» da nossa cinematografia, dois filmes: «Maria do Mar» e «Douro, faina fluvial». Ora, na realidade, é já hoje possível fazer-se — e deve ser feita — uma exposição dos nossos filmes mais representativos. Succede que, por mérito da Cinemateca Nacional, existe hoje, a salvo e resguardo, material que nos habilita a imprimir a essa exposição um carácter muito completo. E neste sentido que de novo nos dirigimos a V. Ex.<sup>as</sup> na esperança de conseguirmos, por fim, levar a cabo um estudo colectivo que efectivamente já tarda.

(Continua no próximo número)

## Em busca dum só beijo

*Ressurgem no meu peito baladas d'incerteza*

*E vivo a sonhar o amor e a ilusão*

*Que o tempo vai lembrando na sombra dum clarão*

*Feito de sonhos lindos... na voz duma tristeza...*

*Às vezes vou cantando... com minha voz já presa*

*E lembro os madrigais nos dias de oração*

*Olhando para ti com olhos... coração...*

*Com toda a minha alma perene de surpresa...*

*E se te lembro hoje... com voz qu'inda ressoa*

*Crê... afinal, amor... que o coração entoa*

*Um mundo d'espranças... em busca dum só beijo.*



## Piadas com barbas?... Talvez!

### Entre padeiros

- O teu filho já não anda na escola. Porque o tiraste de lá?
- Estavam-me a desmoralizar a criança, pois não lhe ensinaram que um quilo tem mil gramas.

### Numa oficina de paraquedas

- O *freguês* — Estes paraquedas são garantidos?
- Garantidíssimos. Se eles não se abrirem, o senhor volte aqui, que lhe devolveremos o dinheiro.

### Numa loja fora de Barcelos

- Freguês* — O senhor disse-me que as meias eram de pura lã e na etiqueta diz que são de algodão.
- Lojista* (em voz baixa) — Isso é para enganar as traças.

### Numa relojoaria

- Como é que você pode vender estes relógios abaixo do preço da factura? Não pode tirar lucro nenhum, antes pelo contrário, terá de ter um grande prejuízo.
- Nada disso meu amigo! Os meus lucros virão nos consertos.

### Num estabelecimento

- A *caixeira* — A senhora quer comprar um colarinho... um só?
- Pois então! Quantos maridos pensa a senhora que eu tenho?

### Entre amigas

- O Zé fez-me uma declaração de amor no automóvel.
- Deveras?
- E eu dei-lhe o sim no hospital.

### Na Garagem

- Empregado da garagem à dona do carro amassado* :— Sinto muito, minha senhora, nós só lavamos carros, não passamos.

### Na sessão espírita

- Que barulho infernal é esse?
- «*Medium*» — Não é nada. Fui eu que invoquei as sete mulheres do Barba Azul e elas estão falando todas ao mesmo tempo.

## O Slogan ao serviço da publicidade

«Boletim Social da TEBE» tem um slogan para cada caso publicitário

Consulte-nos... ficará satisfeito

Basta escrever: O Slogan — Campo 5 de Outubro, 39  
BARCELOS

## JOÃO GONÇALVES MARTINS

Um nome ao serviço das conceituadas águas  
: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

«A MUNDIAL»

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

## O Sonho e a Vida...

Por SIDÓNIO FERREIRA

IMAGINEI-ME, passeando na relva macia dum jardim, onde as flores respiravam vida: e invadido por uma música celestial, que ecoava por todos os cantos, oriunda de lugares desconhecidos.

Lá, as horas não corriam loucas nem temerárias, num constante e incessante ruído; ruído dos carros e máquinas, ruído humano, da existência, afinal... Não havia essa massa anónima, que se comprime nos passeios a pontos de aborrecer, e não surgiam os milhares de dramas, de hipocrisias, de snobismos, de que eu fora obrigado a presenciar...

Caminhava, mas não sei se aquilo era caminhar. Pois eram tão leves os meus passos, tão extraordinários, que eu mais parecia um corpo etéreo, o próprio vago. Pela primeira vez, me senti livre de preconceitos, de maçadas, de horários, de deveres, enfim, isento de todas as arrelias.

A certa altura, instantaneamente, tal como o relâmpago que rasga o céu, dezenas de jovens e velhos, saíram de lugares que eu não cheguei a lobrigar. Vinham cantando, e as suas mãos uniam-se numa expressão de amizade eterna, inquebrável, e todos eles se entendiam, tanto o rico como o pobre, não diferenciando classes.

Oh!... Da cidade donde vim, não apreciavam cenas dessas, porque o orgulho das raças e a superioridade dos ricos, é que se salientava, dominando em todos os aspectos!

Perante isto, recordei um pobre velho todo andrajoso,

que num determinado escritório, sentado a um canto na sala de estar, aguardando a sua vez, contava as horas, os minutos e os segundos, com a alma amargurada, de revolta contra o mundo, contra os homens, que o lançavam num outro plano, ao confundi-lo como um animal indesejável, devido a atenderem primeiro as pessoas bem aparentadas, conforme iam chegando.

Os jovens e os velhos que eu tinha presenciado, afastavam-se. E eu, sem saber porquê, fui atrás deles.

Num dado momento, avistamos uma escada, que subia pelos ares, até se perder de vista, e na qual, com toda a calma e compostura, principiámos a trepá-la.

Ao aproximar-se o término daquela subida, por casualidade, olhei para baixo. A minha cabeça tornou-se leve, desequilibrando-me, brutalmente. E o meu corpo, amachucava-se contra os degraus, que momentos antes, me faziam saltar, correr de alegria...

Quando abri os olhos, após um sono pesado que me invadiu, tornei a ouvir o barulho sempre crescente dos carros, dos eléctricos, das fábricas e dos comboios. Vim novamente para a rua. Aqui e além, milhares de seres humanos caminhavam, discutiam e sofriam...

Estava na cidade, apreciando a vida de todos os dias. Uma aragem fresca batia-me na face e o sol só se via debilmente, sem calor que aquecesse.

## DE TUDO, UM POUCO

Talvez não saiba que o termo *antas*, segundo a douta opinião de Leite Vasconcelos, deriva do vocábulo latino *antas*.

Este nome era aplicado aos *dólmens*, sepulturas pré-históricas.

Porém Loth, é de opinião que *antas* «deriva da palavra «*tolvens*» (palavra oriunda do bretão arcaico, que se desdobra em tal (= mesa) e vem (= pedra).

«Leite de Vasconcelos dá-nos o termo de ORCA como sinónimo de *dólmens*, designação popular que hoje parece apenas circunscrita à Beira.

Toma-se como designação de *marcos*, pois que os *dólmens* tinham em função, e houve *marcos* que na idade média se chamavam «*orcás*». (1)

(1) Leite Vasconcelos, «De Terra em Terra», pág. 127.

## FESTIVAL ESCUTISTA

Devido ao mau tempo, o Festival Escutista que se devia ter realizado em 23 de Junho findo, foi transferido para data a designar oportunamente.



Por JAIME FERREIRA

Depois de termos explicado o que é um bivaque, um acampamento fixo ou movel, de 1 ou mais dias de campo, vamos falar neste número, da organização escutista em geral e nos exploradores em particular.

### O que é um grupo de escuteiros?

Baden-Powel no seu livro maravilhoso «Escutismo para rapazes» diz logo nas primeiras páginas:

Não há rapaz que não queira servir a sua Pátria de uma forma ou doutra.

Pois tem um meio fácil de o conseguir: é fazer-se escuteiro.

O explorador do exército é, geralmente, um soldado escolhido pela sua capacidade e coragem para seguir à frente do exército, descobrir onde se encontra o inimigo e comunicar ao comandante tudo quanto pode averiguar.

Há igualmente exploradores de Paz — que realizam trabalhos que exigem igual coragem e engenho. São os escuteiros — fronteiras da civilização, verdadeiros homens em toda a acepção da palavra, peritos na arte de explorar, sabendo viver na selva, no mato, no campo, ou na montanha. Em toda a parte se sabem orientar e dos vestígios ou sinais mais simples e pegadas mínimas, tiram conclusões muito exactas. Sabem cuidar da saúde, quando longe dos médicos. São fortes e ousados, prontos a arrastar perigos e sempre dispostos a auxiliarem-se mutuamente. Privam-se de todas as preferências e comodidades pessoais para se desempenharem da sua missão.

A vida do explorador é magnífica, mas ninguém que a escolha se pode dedicar a ela de repente, se não estiver devidamente preparado. Os que melhor se dão nela, são aqueles que aprenderam a arte da exploração quando rapazes.

Isto, escreveu Baden-Powel, com a sua vincada e forte intuição da vida juvenil.

Portanto, a melhor maneira de aprender esta arte é entrar para os escuteiros.

Um candidato a escuteiro, se tem mais de 11 anos, entra logo para o Grupo, visto que a alcaiteia admite lobitos até esta idade.

É-lhe dada uma série de perguntas, que constituem as provas de 3.<sup>a</sup> classe. Feitas estas o candidato prepara-se para fazer a promessa, sendo-lhe conferido o título de explorador e passa a fazer parte de uma patrulha. Esta é constituída por 7 elementos, dos quais um é o guia e outro o sub-guia. O guia é escolhido em conselho de guias (das outras patrulhas) e passa a ter a responsabilidade pelo seu «canto» e pelo material que lhe está adstrito. O sub-guia auxilia-o e substitui o guia na sua falta. Este deve zelar pela sua patrulha, como um Pai zela pela sua casa e pelos seus filhos. As ordens que o guia dá, são sempre acatadas com toda a cordialidade, pois todos sabem que o seu guia sendo um camarada, não manda fazer senão aquilo que aproveite ao conjunto da sua patrulha.

E os dias passam, no ambiente sempre estimulante dos jogos e conhecimentos ministrados pelo chefe ao conjunto das patrulhas (O Grupo), na sede ou no campo. Ali ministrando conhecimentos técnicos indispensáveis ao conhecimento da natureza, da saúde e dos mil e um assuntos próprios da vida escutista. No campo, fazendo executar os ensinamentos dados, desde o estabelecimento do

campo, armação de tendas, cozinha, latrina e fossas, até à preparação das refeições jogos e reconhecimentos dos locais anexos ao campo.

Atingidos os 17 anos, o escuteiro-explorador, necessita já de outros conhecimentos e passa então para escuteiro-caminheiro.

Falaremos dos caminheiros no próximo número.

### Perspectivas para 1957

#### Conferência Internacional do escutismo católico

De 12 a 17 de Junho passado, estiveram reunidos em Fátima os mais altos e significativos valores do pensamento católico e do ideal escutista.

Mr. Joyce, da Inglaterra, Antoine, da Bélgica, Rademacker, da Holanda, Michel Rigal, da França, Frauz, da Suíça, e muitos outros vieram a Portugal e a Fátima tratar o tema: O Fim e os Métodos do Escutismo.

Cada país envia 5 delegados, entre assistentes eclesiásticos e crefes.

Esperamos poder referir-nos oportunamente as ideias e conclusões da XII Conferência Internacional do escutismo católico.

#### Lody Baden Powel

A esposa do grande Chefe do Escutismo, enviou a todos os que lhe endereçaram mensagens por ocasião do centenário de Baden Powel, uma expressiva carta de agradecimento.

#### Hino do Jamboree de 1957

Está já impresso e vai começar a ser divulgado o hino do jamboree de 1957, a realizar em Sutton Park, Inglaterra no próximo mês de Agosto. A letra e a música é do compositor inglês Ralph Reader.

#### Festival Escutista

Promovido pela Alcaiteia do Grupo n.º 13 de Barcelos, realizou-se no dia 23 de Junho um festival escutista infantil. A ele concorreram os lobitos que, formando duas equipas de oquei em patins de frontaram outras formações de infantis do Oquei Clube de Barcelos. A apresentação fez-se com algumas canções escutistas, próprias de lobitos e assistimos a algumas danças e gritos da selva características e bem desempenhadas.

Por fim uma gincana ciclista fechou esta tarde magnífica, num ambiente escutista e com a finalidade maravilhosa da união entre lobitos e as suas incansáveis e dedicadas dirigentes. Que se repitam estes festivais.

As parures TEBE, finíssimas e belas, são o sonho acalentado por todas as jovens de Portugal.

# SECÇÃO LITERÁRIA

## CONFLITOS E OUTROS CONTOS, de Fernando Lopes e a CRÍTICA

FERNANDO LOPES, um colaborador deste Boletim, que despertou nos nossos leitores, quando da publicação de alguns dos seus contos nestas colunas, os comentários mais desencontrados, deu à estampa o seu primeiro livro.

Trata-se, como todos sabem, de *Conflitos e Outros Contos*, livro que foi submetido pelo seu autor a todos os sectores da crítica literária do País.

De como o livro de F. L. foi recebido pelos críticos responsáveis, entendemos dar conhecimento aos nossos leitores, através dos excertos que hoje publicamos. E ao fazê-lo, temos presente este facto muito simples: F. L., além de nosso colaborador, é um barcelense. Não é por isso um favor que lhe prestamos e não nos foi pedido; é um acto de justiça que só nos dá prazer.

Não podemos deixar de registar, com especial regozijo, a maneira como foi recebido pela crítica o conto *O Café*, último trabalho de ficção de F. L. publicado neste Boletim, e que tanta picuinha falaciosa despertou em certos leitores desarmados.

«Fernando Lopes estreia-se com um livrinho de contos a que dá o título de *Conflitos* e anuncia para breve uma novela, *A Vontade de Deus*. A estreia é prometedora. Não estamos diante de um contista de estilo definido nem de inventiva caracterizada. Parece-nos, até, capaz de cultivar um género, neste livro apenas abordado num só conto, e é nesse género que desde já podemos contar com a sua originalidade. Referimo-nos ao último conto da série, àquele que, aliás, dá o título à colectânea: *Conflitos*. História mais de caracteres que de ambiente, se bem que a província seja o pano de fundo da anedota, é na maneira como Fernando Lopes desenha aqueles dois tipos, o «quase-doutor» e o da «cabeça grande», e na forma, um tanto eslava, que lembra o Dostoievski dos *Humilhados e Ofendidos*, como nos conta os passos de uma revolta, quando se está prestes a tocar o fundo da abjecção — que se nos afigura denunciar-se a verdadeira personalidade do moço escritor.

...Em *O Café*, porém, história de típica ficção em ambiente de pequenina cidade de província, avulta o talento do contista que vê bem e observa com humor satírico os costumes e os homens. É realmente, contudo, em *Conflitos* que Fernando Lopes dá o lamiré de um talento original. Embora a história seja de linhas singelas, as figuras, a luz em que se movem, a psicologia

em que se debatem, as situações em que o autor as coloca, pressupõem uma ruminação interior e uma visão em profundidade do coração humano pouco vulgares em ficcionistas portugueses.

JOÃO GASPAR SIMÕES

Diário de Notícias, de 28/2/57

«Estilo desprezioso, mas sem aqueles dislates de mau gosto tão comuns em quase todos os livros que se publicam dia a dia entre nós, cheirando a amadorismo confrangedor e pedante. A simplicidade da forma alia-se a simplicidade do fundo, contando-nos casos familiares, domésticos, provincianos, que o autor sentiu, observou e viveu».

RAMOS DE ALMEIDA

Jornal de Notícias, 25/1-57

«De facto poucas vezes me tem sido dado encontrar, em autores portugueses, tão reais possibilidades no domínio da «short history» como as que descubro neste primeiro livro de Fernando Lopes.

...Em *O Paliteiro* se vê F. Lopes atingir perfeitamente o segredo e a segurança do «métier»: caracteres insculpidos a fundo, sem tibiézas nem concessões (e sem exageros), o drama desenvolvendo-se aos olhos do leitor através do contraponto ligeiro da anedota, uns laivos de poesia, de amargura, de autêntica vida surpreendida como numa fotografia, o binómio espaço-tempo bem medido, bem dentro dos cânones do conto — e tudo isto dado com equilíbrio e uma economia de meios notável.

Já em *Tone Tolo* a história é-nos dada duma maneira ligeira e fugaz como convinha, e em *O Café* apresenta-se-nos o modelo do conto perfeito, desenvolvido em vários planos, embora projectado do ângulo único que constitui o ponto de vista de um espectador improvisado. Porém é, sobretudo, em *Gratidão* que F. Lopes alcança o melhor momento do livro. Aqui, tudo se reúne para fazer desta pequena história digna de figurar numa antologia: o ineditismo da anedota, a sua progressão, a linguagem (talvez um pouco excessiva de diminutivos), tudo. Belo!

...De *Conflitos* o conto que, sendo o último, nomeia o livro, devo dizer que, se não é o melhor (e será difícil superar os autênticos «achados» que são *O Paliteiro* e *Gratidão*) é ainda uma boa prova do valor de F. Lopes como contista...

OSCAR VILLAS

Bandarra, n.º 52 — Abril/57

Visado pela Comissão de Censura